

# OS OPOSTOS FUNDAMENTAIS E A ANTONÍMIA: O DISCURSO COMO POSSIBILIDADE

## THE FUNDAMENTAL OPPOSITES AND ANTONYMY: SPEECH AS A POSSIBILITY

Rodrigo Maroja Barata<sup>1</sup>  
Universidade do Estado do Pará (UEPA)  
[baratarod@gmail.com](mailto:baratarod@gmail.com)

Daniel Libonati Gomes<sup>2</sup>  
Graduado em Letras / UEPA  
[daniellibonati00@hotmail.com](mailto:daniellibonati00@hotmail.com)

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo mostrar como o conceito semântico da antonímia pode dar maior abrangência ao nível fundamental dos enunciados, teorizado pela semiótica, de modo que, no texto, isto pode ser verificado nas possibilidades de criação de novos discursos, as quais fazem parte do silêncio, do não-dito. Por semiótica, toma-se a idealizada por Algirdas Julien Greimas, chamada discursiva ou greimasiana. A antonímia, aqui fundamentada na obra *Semântica*, de F. R. Palmer, e *Manual de Semântica*, de Márcia Cançado, possui uma abrangência maior do que as oposições fundamentais da semiótica, apesar destas oposições serem uma clara ocorrência do fenômeno semântico. Assim, a aplicação do conceito de uma ciência na outra poderá expandir o entendimento que havia previamente. Esta expansão, assim, é verificável nas possibilidades de criação textual, ou, mais especificamente, o que se chamou de possibilidades criativas discursivas, encontradas no silêncio, as quais também podem indicar como surgem os discursos: como possibilidades criativas.

**Palavras-chave:** Semiótica discursiva, Antonímia, Silêncio, Discurso.

**Abstract:** This article aims to show how the semantic concept of antonymy can give greater coverage to the fundamental level of statements, theorized by semiotics, so that, in the text, this can be verified in the possibilities of creation of new discourses, which are part of the silence, the unsaid. For semiotics, we took the one idealized by Algirdas Julien Greimas, called discursive or Greimasian. The antonymy, here based on the work *Semântica*, by F. R. Palmer, and *Manual de Semântica*, by Márcia Cançado, has a wider scope than the fundamental oppositions of semiotics, despite these oppositions may be a clear instance of the semantic phenomenon. Thus, applying the concept of a science in the other may expand the understanding it has previously. This expansion, at last, is verifiable in the possibilities of text creation, or, more specifically, the discourse creative possibilities, found in the silence, which may also indicate how the discourse begins: as creative possibilities.

**Key-words:** Discursive semiotics, Antonymy, Silence, Discourse

### 1 ARGUMENTOS INICIAIS

---

<sup>1</sup> Orientador, é Prof. Ms. atuante na Universidade do Estado do Pará e doutorando pela Universidade Federal do Pará.

<sup>2</sup> Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará.

Termos opostos, oposições semânticas, regem todo e qualquer enunciado existente. Porém, é evidente também que nem tudo que se refere a seres humanos pode ser simplesmente classificado em palavras opostas, como “bom” e “mal” ou “legal” e “ilegal”. Os enunciados são muito mais complexos, porém, no fundamento, na base destas relações, estão, sim, termos contrários um ao outro. Não existe bem se o mal não existir, portanto, se ao menos está sendo discutido o assunto, por mais complexa que seja a questão, ela é fundamentada na oposição semântica existente entre “bem” e “mal”. Um belo exemplo pode ser visto no conceito de poesia de Octavio Paz:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. [...] A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos, alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. [...] Expressão histórica das raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais do que passagem. [...] Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em forma superior; língua primitiva. [...] Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da Ideia. Loucura, êxtase, logos. Regresso à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. (PAZ, 1982, p. 15)

Esse conceito revela a poesia como um jogo de opostos que se convergem e levam o ser humano ao sublime, torna-o não apenas “algo mais do que passagem” (PAZ, 1982, p. 15). Aí, Paz conseguiu, através dos opostos semânticos, mostrar como a poesia envolve tudo relacionado ao homem, suas dores e prazeres, adequação ao presente e a saudade do passado, a pureza da infância e a impureza da carne. É uma linguagem aparentemente primitiva pela estranheza e, ao mesmo tempo, é superior por revelar tudo. Portanto, o texto citado revela como a linguagem se articula através de oposições, visto que, pelos opostos, ela consegue abranger tudo. Neste trabalho será feita a discussão acerca de tal fato.

As oposições semânticas são também uma clara ocorrência do fenômeno denominado antonímia. Quem pode explicar a abrangência que tais oposições possuem enquanto fenômeno discursivo é a semiótica, a ciência que estuda “a vida dos signos no seio da vida social” (SAUSSURE, 2006, p. 24), ou seja, estuda os signos e a forma como compõem os enunciados e seus significados. Diana Barros bem descreve o objeto e o objetivo desta ciência: “A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar *o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz*” (2005, p. 7). Cabe dizer que existem várias correntes semióticas que estudam os textos de maneiras diferenciadas, porém, neste trabalho, será adotada a semiótica discursiva, francesa ou greimasiana, idealizada por Algirdas Greimas. Outro ponto importante é o fato de a semiótica ser uma ciência de caráter estruturalista, ou seja, ela toma a língua como um sistema de unidades organizadas, de modo

que tudo nela, por mais complexo que aparente ser, pode ser devidamente enquadrado em categorias específicas (MARTELOTTA, 2012). Assim, faz-se necessário afirmar desde já que a complexidade de um texto não está em seu fundamento (que é o foco deste trabalho), ela tende a aparecer de maneira gradual na construção do texto.

No entanto, antonímia é um conceito adotado na semântica, ciência que estuda os significados no contexto das expressões linguísticas (FONTANILLE, 2012), porém, nela, tal conceito é muito mais abrangente do que as oposições fundamentais da semiótica. O fenômeno da antonímia acaba por reger não apenas palavras ou termos opostos, mas, por consequência, ela também rege as gradações (X é alto/médio/baixo) e comparações (X é maior que Y, pois Y é menor que X). Esta abrangência, quando trazida à semiótica, acaba por expandir o entendimento acerca do funcionamento dos termos opostos fundamentais.

Mas, então, como se pode visualizar essa expansão na prática, ou seja, nos textos (falados e escritos)<sup>3</sup>? No silêncio, nas possibilidades de criação discursiva. O silêncio pode agregar diversos significados. Um exemplo pode ser o ditado popular: “quem cala, consente”, o qual guarda em si, no silêncio, muitos sentidos que variam de acordo com o contexto da enunciação: a permissão ou a concordância do que se cala acerca de algo, sua humilhação por não ter resposta a ser dada, a ideia de culpa que pode carregar consigo por se manter calado, ou até a própria noção de que o ato de silenciar representa autoacusação ou concordância. Estes vários sentidos enquadram vários discursos, os quais podem criar outros discursos: é o que se entende como possibilidades de criação discursiva.

Dessa forma, este trabalho objetiva demonstrar como o conceito semântico de antonímia pode dar maior abrangência ao funcionamento do nível fundamental da semiótica, abrangência esta, como será explanado, visualizada no silêncio, na forma de possibilidades criativas discursivas. Estas possibilidades criativas expõem como os discursos surgem e, mais ainda, nos revelam que todo discurso possível já existe.

## **2 O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO**

Primeiramente, é necessário dizer que todo enunciado é formado por dois planos, um plano de expressão e um plano de conteúdo (FONTANILLE, 2012). O plano de expressão corresponde à estrutura da língua, como: os morfemas, os sintagmas e os fonemas. Já o plano

---

<sup>3</sup> Em todo o trabalho, ao ser mencionado o termo “texto” num sentido geral, entenda-se sempre que se tratam de textos falados e textos escritos.

de conteúdo corresponde aos significados, aos conceitos. Logo, a semiótica atuará na investigação do plano de conteúdo. Porém, como ela faz sua investigação?

A semiótica discursiva estuda os textos através do método chamado Percorso Gerativo de Sentido, o qual divide os enunciados em três níveis: fundamental, narrativo e discursivo (BARROS, 2005). Como uma piscina, cada um dos níveis é equivalente a um nível de profundidade, sendo a realidade comunicativa humana a superfície.

O nível discursivo é o mais superficial, no sentido de que ele é o que se encontra praticamente na superfície da suposta piscina. Ele é o que está mais em contato com a realidade enunciativa, visto que, nele, estão entrelaçadas todas as instâncias de produção do discurso, suas condições de produção, ou seja, as condições sócio-histórico-ideológicas em que é produzido. Importante colocar que, para Greimas & Courtés, o próprio conceito de discurso se confunde com o de processo semiótico, ou seja, conceituar discurso envolve discutir sua produção: “[...] pode-se identificar o conceito de **discurso** com o de processo semiótico e considerar como pertencente à teoria do discurso a totalidade dos fatos semióticos (relações, unidades, operações etc.) situados no eixo sintagmático da linguagem” (2013, p. 144). O discurso é a concretização de suas condições de produção (meio sócio-histórico-ideológico e a circunstância em que foi produzido) (POSSENTI, 2009), sendo necessariamente polifônico (formado por várias vozes, outros discursos) e dialógico (FLORES & TEIXEIRA, 2013). Assim, tratar de discurso também envolve sua produção (no que se refere a torná-lo concreto), que se vê, em parte, aqui na semiótica, na construção do sentido do texto. Ou seja, são ressaltados exatamente os dois planos textuais expostos anteriormente: plano de expressão (sem o qual nem faria sentido pensar em texto, concretização do discurso) e plano de conteúdo. Tratar-se-á acerca de discurso mais detalhadamente quando for comentado sobre o silêncio.

Agora, o segundo nível, intermediário em profundidade, o nível narrativo, é também um pouco menos complexo que o nível discursivo, pois, nele, está presente a estrutura narrativa do discurso presente em um determinado texto. Todo texto, por mais que seja implícito, possui uma estrutura narrativa interna do discurso (ou dos discursos) que expõe, visto que toda ação discursiva é feita por sujeitos estimulados a esta ação pelos mais diversos fatores. Por exemplo, para que este trabalho seja escrito, é necessário que haja uma discussão, uma questão a ser resolvida. Este texto carrega consigo um discurso, fundamentado por vários

outros discursos, os quais se organizam narrativamente, numa ordem coerente. O nível narrativo do texto é justamente esta organização.

O último nível, o fundamental, é o que realmente será discutido aqui. Nele, estão as oposições semânticas que geram os discursos. Num texto em que são produzidos muitos discursos, por exemplo, há uma oposição semântica para cada discurso produzido e, desta forma, podem ser verificados os diversos significados (as várias interpretações) presentes.

Em suma, no texto, o sentido passa por esse percurso gerativo, que, aos poucos, diminuindo gradualmente em profundidade, chega ao discurso e, por consequência, ao enunciado. Primeiro, são instauradas oposições semânticas fundamentais; depois, elas serão organizadas narrativamente, de modo que não são caóticas, mas coesas e coerentes; por último, a organização narrativa ganha elementos sócio-histórico-ideológicos, as condições de produção do discurso.

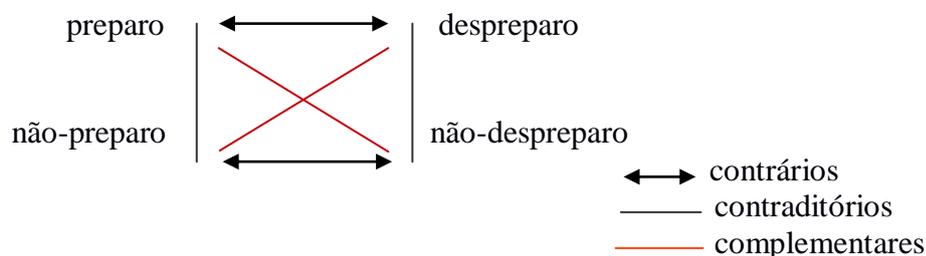
## 2.1 O NÍVEL FUNDAMENTAL

Sendo o nível fundamental o ambiente em que se encontram as bases de um texto, cabe perguntar: como ele realmente funciona? Uma excelente ferramenta para explicá-lo é o quadrado semiótico (FONTANILLE, 2012). Nele, ficam reunidas as estruturas fundamentais de modo esquemático. Para melhor compreender seu funcionamento, tome-se a fábula *O Cavalo e o Soldado*, do grego Esopo (2012, p. 26):

“Enquanto durou a guerra, um soldado alimentara com cevada seu cavalo, que lhe era muito precioso. Quando veio a paz e o animal só servia, como um escravo, para carregar pesadas cargas, a palha substituiu a cevada. De novo, vieram os rumores de guerra. Ouviu-se o soar das trombetas. O dono do cavalo se armou, arreou-o e se foi cavalgando. Mas o cavalo depauperado caía a cada passo. Ele disse então ao dono: 'Vai agora te juntar aos outros soldados! Como posso hoje agir como um cavalo depois de ter recebido tratamento de asno?'. Em tempos de paz, é bom não se esquecer o tempo dos infortúnios.”

Levando em consideração a moral da história, pode-se afirmar que uma possível oposição fundamental para esse texto é “preparo X despreparo”. A história inicia num período de crise, para então haver bonança e, depois, crise novamente. O protagonista passa de um estado de preparo para um estado de despreparo. Então, já se pode retirar um ponto importante, o qual também vale para outros textos: nada acontece de repente. O homem não se tornou despreparado de uma hora para outra, houve um momento de passagem. Daí, já se tira outra conclusão: as oposições fundamentais não são desorganizadas e caóticas, mas possuem uma orientação, uma organização que será o real fundamento do texto, a qual é chamada orientação narrativa (é o que guiará a execução do nível narrativo).

Retomando o quadrado semiótico, já é possível organizar, nele, a fábula de Esopo:



Adaptado de: Barros (2005)

Apesar de parecer confuso num primeiro ponto de vista, o quadrado semiótico funciona de maneira bem simples. A oposição fundamental que se toma no início são termos, na verdade, chamados contrários. A contrariedade advém da percepção de que alguns termos, apesar de opostos, não têm a existência anulada um pelo outro. Esta oposição é chamada privativa, pois torna “privado”, específico, o sentido de um dos termos, dando maior abrangência ao outro. Na fábula, a contrariedade ocorre no fato de o termo “preparo” ter o significado mais privado (alimentar o cavalo com cevada) do que “despreparo” (não poder utilizar o cavalo na batalha).

Os termos contraditórios, diferente dos contrários, têm sua existência definida pela existência do outro. Afinal, o “preparo” só existe porque há o “não-preparo”. Mas, afinal, o que é o “não-preparo” e o “não-despreparo”. Basicamente, são unidades intermediárias. O momento do “não-preparo” é quando a guerra termina e o homem começa a usar seu cavalo como animal de carga. Estes termos existem pelo simples motivo de que não se pode passar de um ponto para o outro sem anular o ponto inicial.

É aí que entram os termos complementares. Eles são auxiliares nessa passagem do “preparo” ao “despreparo”. “Não-preparo” é complementar do “despreparo”, assim como “não-despreparo” é completar do “preparo”. Na fábula, não há a presença do “não-despreparo”, pois a história sai de uma situação de “preparo” (cavalo alimentado com cevada), passa pela situação intermediária de “não-preparo” (período de paz e desvalorização do cavalo), para, por fim, alcançar um estado de “despreparo” (inutilização do cavalo). Desta forma, já se tem a orientação narrativa que conduzirá a atuação do nível narrativo:

preparo > não-preparo > despreparo

Portanto, tem-se o nível fundamental do texto de Esopo. O quadrado semiótico guarda em si todos os elementos deste nível, devendo eles, de acordo com o texto, ser organizados através da orientação narrativa. Agora, pois, faz-se necessário discutir a antonímia para, após, ser possível verificar como este fenômeno semântico pode afetar de maneira pragmática o que foi exposto neste tópico.

### **3 A ANTONÍMIA**

O fenômeno semântico da antonímia é bastante amplo e, pode-se dizer, complexo. Ele guarda em si muitas atribuições e, conseqüentemente, acaba sendo regente de diversas expressões da língua (sem falar de seu caráter semiótico). Isto ocorre pelo fato da ideia de “oposição” não apenas designar termos opostos que se anulam, mas também termos comparativos e graduais (PALMER, 1976). Assim, Márcia Cançado (2013) aponta três tipos de antonímias: complementares (ou binárias), inversas e gradativas.

Antônimos complementares são aqueles em que a ocorrência de um dos termos anula a ocorrência do outro, como: vivo e morto, sentado e em pé, móvel e imóvel, casado e solteiro, macho e fêmea. Porém, deve ser notado que este fato se aplica mais à semântica, pois, como foi exposto no tópico anterior, a semiótica dá maior poder aos opostos complementares (para sair de um termo ao seu contrário, deve-se primeiro passar pelo complementar deste, visando a negar o primeiro). Um exemplo é o que ocorreria na oposição “vivo X morto”, em que estes termos não seriam complementares, mas sim contrários, sendo seus complementares, respectivamente, “não-morto” e “não-vivo”.

O segundo tipo de antonímia, o inverso, funciona com base em comparações. Por exemplo: pai e filho. Se X é pai de Y, então Y é filho de X. O que define a antonímia inversa é, além da necessária comparação entre dois seres, a impossibilidade de negação do inverso desta comparação. Assim, tendo afirmado que X é pai de Y, não posso dizer que Y não é filho de X, pois acarretaria uma contradição.

Por último, existe a antonímia gradativa. Aqui estão os termos que, apesar de opostos, atuam numa escala gradual de valores. A consequência é o fato de que a negação de um termo não afirma seu oposto. É o clássico exemplo dos termos “quente” e “frio”. Dizer que um copo de água não está frio, não é o mesmo que dizer que ele está quente, levando em conta que ele pode estar morno. Cançado (2013) ainda aponta um método para verificar antônimos gradativos: eles combinam com expressões do tipo “meio”, “um pouco” e “muito”. Por

exemplo: pode-se dizer “um pouco alto” ou “está meio frio”, mas não se diz que alguém é “meio morto” ou “um pouco pai”.

Contudo, essa distinção entre os tipos de antonímia não é perfeita (PALMER, 1976). Existem termos como gordo/magro, que são graduais, mas que, ao ligar a eles os advérbios “mais” ou “menos” e comparar dois seres, claramente podem se tornar um caso de antônimos inversos: X é mais gordo que Y, logo Y é mais magro que X. Necessário também dizer que, em alguns casos, classificar o tipo de antônimo pode depender de questões contextuais, visto que, em uma determinada situação, como num texto jurídico, por exemplo, afirmar que alguém é mais ou menos casado (casado/solteiro são antônimos complementares) que outra pessoa pode ser absurdo, mas em outra, talvez uma conversa informal entre amigos sobre o tema casamento, este uso dos antônimos pode ser absolutamente normal, pois objetivaria ressaltar que o relacionamento conjugal de determinadas pessoas é melhor que o de outras.

Agora, já é possível relacionar a antonímia com os níveis fundamentais do texto e, assim, verificar como a aplicação deste conceito semântico pode aumentar a abrangência do funcionamento da ferramenta semiótica.

#### **4 OPOSTOS FUNDAMENTAIS E CRIAÇÃO DE POSSIBILIDADES**

Diante do que foi exposto nos tópicos anteriores, é perceptível que há, sim, semelhança na forma de enxergar os termos opostos pela semiótica e pela semântica. Ambas as ciências, por mais diferentes que sejam suas formas de investigação e seus objetos, têm na antonímia um fenômeno amplo de grande importância, apesar do nível desta amplitude ser diferente para cada uma.

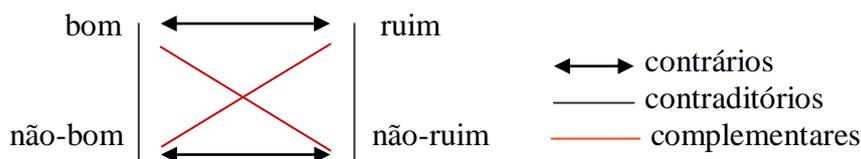
Distinguir os tipos de antonímia e fazer sua aplicação na semiótica pode parecer desnecessário, pois todos os tipos estão indiretamente incluídos no quadrado semiótico. Porém, fazer esta verificação é necessário para que, depois, seja possível melhor visualizar a expansão do nível fundamental do texto. Para exemplificar, tome-se o poema *Cronologia*, do poeta José Paulo Paes (PAES, 1967, p. 105):

A. C.  
D. C.  
W. C.

Pode-se perceber que o poema citado é uma crítica bastante humorada à história humana, visto a relação que o poeta faz entre as siglas das eras de nossa história (Antes de Cristo – A. C.; Depois de Cristo – D. C.) com a sigla em inglês W. C. (*water closet*), utilizada

para indicar banheiros. O efeito humorístico está na ironia: a humanidade geralmente vê suas conquistas – representadas pelas siglas A. C. e D. C. – como algo grandioso, mas, no poema, seus feitos são relacionados ao local onde são feitas as necessidades fisiológicas consideradas sujas (urina e fezes). Assim, por consequência, o autor ainda alcança o efeito crítico.

Importante dizer que a visão mostrada no poema é totalmente negativa, ou seja, diferentemente do exemplo do texto de Esopo, no qual havia uma mudança de estado (preparo > não-preparo > despreparo), o poema de Paes não possui tal mudança, ele traz ao leitor alguns discursos, mas todos negativos no início e no fim. Como, então, organizar seu nível fundamental no quadrado semiótico? Primeiramente, é necessário definir seus opostos fundamentais: como o discurso do texto possui uma ideia bastante ampla, pode-se resumir o conteúdo negativo do texto ao termo “ruim” (ou “erro”, caso se opte pela referência às ações humanas), sendo seu oposto, logicamente, “bom”. Organiza-se, portanto, o quadrado:



Adaptado de: Barros (2005)

Mas pode surgir a questão: se o conteúdo do texto passa a ideia de “ruim” em toda sua leitura, por que o quadrado apresenta o termo “bom”? Simplesmente porque, como foi dito no início deste trabalho, a ideia de algo ruim só existe pela noção de algo bom e vice-versa. O texto, para fazer sua crítica e dar o ar de negatividade às ações do ser humano em sua história, precisa primeiro negar tudo de bom que a humanidade fez ou poderia ter feito, ou seja, para ter o estado de “ruim”, é necessário passar por “bom” e “não-bom”. Assim se possibilita a crítica no texto.

Porém, onde entra o que foi discutido acerca de antonímia? Para entender, analisar-se-á cada um dos termos do quadrado semiótico. Primeiramente, os contrários “bom” e “ruim” são, claramente, antonímias complementares. Esta forma do fenômeno semântico pode ser transformada em outra, a antonímia inversa, através do mecanismo de comparação, ou também em antonímia gradativa, através de termos como “um pouco” e “meio”. Em ambos os casos, há a presença implícita de outros textos, outras possibilidades de criação textual. Estas possibilidades só podem ser vistas com clareza e justificadas pela antonímia semântica, o que não ocorre nos opostos semióticos.

Primeiro, veja-se o caso da transformação dos complementares “bom/ruim” em inversos, portanto é necessário organizá-los de maneira comparativa. Como a norma padrão da língua portuguesa não admite as formas comparativas “mais bom que” e “menos bom que”, tome-se as formas “melhor que” e “pior que” para designá-las. Contudo, aparentemente o texto utilizado não faz nenhuma comparação, ele simplesmente aponta as ações humanas como ruins. Este é um ponto importante: se a humanidade é ruim, ela tem que ser ruim em relação a alguma coisa. Assim, tome-se para a comparação o ser humano e a natureza. Pode-se obter o seguinte:

Se o ser humano é pior que a natureza, a natureza é melhor que o ser humano.  
ou  
Se o ser humano é melhor que a natureza, a natureza é pior que o ser humano.

O que se pode concluir? A antonímia inversa, por sua característica comparativa, necessita sempre que o inverso de sua proposição inicial seja real, para que não haja contradição. No texto de José Paulo Paes, apenas a primeira situação obtida está presente materialmente, mas, implicitamente, a segunda situação também está, como será visto mais à frente.

Agora, antes de se chegar a uma conclusão acerca da expansão do funcionamento da aplicação da antonímia na semiótica, observe-se o caso da transformação da antonímia complementar “bom/ruim” em antonímia gradativa, que pode tirar muitas dúvidas acerca deste processo.

Para fazer isso, basta acrescentar advérbios como “meio” ou “muito” nos termos em análise. Obtém-se, portanto, “meio bom” e “meio ruim”, ou “muito bom” (ótimo) e “muito ruim” (horrível), claramente aceitáveis na língua portuguesa. Deste modo, coloca-se “bom/ruim” numa escala gradativa:

ruim > meio ruim > meio bom > bom

No texto de Paes, apresentam-se apenas as noções ruim e bom, a primeira consciente (clara no texto) e a segunda inconsciente (está presente para reger a existência do termo consciente). Porém, a gradatividade dos opostos fundamentais revela outras possibilidades de criação textual. Por exemplo, como ficaria se o autor desejasse denotar que algumas ações humanas foram boas, ou seja, a história humana não é totalmente ruim, mas apenas meio ruim? Como ficaria no quadrado semiótico? Retome-se, aqui, as noções de “não-bom” e “não-

ruim”: elas são intermediárias. No caso dos termos “quente” e “frio”, vistos anteriormente, existe o intermediário “morno”, que pode ser tanto o “não-quente” quanto o “não-frio”, dependendo de que estado iniciou (será “não-frio” se estiver ficando “quente” e será “não-quente” se estiver se tornando “frio”). Da mesma maneira funcionam os intermediários “meio ruim” e “meio bom”.

No entanto, ainda não ficou esclarecido como seria se o estado final que o texto buscasse alcançar fosse “meio ruim”, por exemplo. Este caso será melhor explanado no tópico seguinte. Porém, nele é possível ver um fenômeno interessante da aplicação conceitual da antonímia gradativa na semiótica: se o poema resolvesse mostrar que a humanidade é “meio ruim”, o quadrado semiótico continuaria exatamente o mesmo, simplesmente porque a existência do termo gradativo “meio ruim” depende dos termos “bom” e “ruim”. Mesmo que ele seja intermediário e sua negação não implique diretamente em “bom” ou “ruim”, sua existência está condicionada a estes dois termos, graças à gradatividade.

Agora, então, onde estas conclusões podem levar? A ideia principal aqui é a seguinte: criação de possibilidades. A antonímia, quando aplicada aos níveis fundamentais da semiótica, revela uma gama de possibilidades textuais, advindas tanto das comparações quanto das gradatividades. Tal fato, certamente, era implícito e lógico apenas visualizando o quadrado semiótico, porém a antonímia justifica e demonstra como é a ocorrência deste fenômeno. No entanto, sabe-se que um texto pressupõe um discurso (ORLANDI, 2007). Partindo daí, em vez de se tratar de possibilidades de criação textual, faz-se mais eficaz tratar de possibilidades de criação discursiva, pois, se na estrutura fundamental de um texto já aparecem outros textos possíveis, então outros discursos, por consequência, também são possíveis. Estas possibilidades discursivas, como será visto agora, estão no silêncio, naquilo que não é dito no texto.

#### **4.1 O SILÊNCIO E AS POSSIBILIDADES CRIATIVAS DISCURSIVAS**

Quando, aqui, fala-se em “silêncio”, não se refere à ausência de som, mas sim a algo possuidor de significado e, também, detentor da capacidade de geração de significados. Eni Orlandi (2007) afirma que o silêncio possui um caráter “fundante”, que ele, além de significar o não-dito, dá condições para que o dito possua significado.

O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para o que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que

não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito. (ORLANDI, 2007, p. 13)

Assim, o silêncio é onde se encontram os discursos fundadores de outro discurso, é o espaço “para o que não é 'um'”. Os discursos surgem da relação entre vários discursos (polifonia), todos presentes num sujeito, que não é o falante em si, mas a representação deste inserido em um contexto sócio-histórico-ideológico e circunstancial (condições de produção) (POSSENTI, 2009). Ele se “movimenta”, interage. Portanto, o discurso é dialógico, ou seja, só existe na interação entre interlocutores, ou melhor, entre sujeitos. Pode-se, então, afirmar o seguinte: todo dito é constituído pelo já-dito somado às condições de produção, numa relação dialógica (FLORES & TEIXEIRA, 2013). Logo, o silêncio é o espaço em que haverá o diálogo do “um” com o “múltiplo”, formador do discurso.

Agora, voltando à questão das possibilidades discursivas vistas no tópico anterior, é possível perguntar: qual sua relação com o silêncio? Elas são justamente as possibilidades surgidas na presença de um novo discurso, que se pode dizer ser o “possível” a que se refere Orlandi. Sabe-se que quando um discurso é formado, ele necessariamente gera outros discursos através do dialogismo, daí, estes outros discursos gerarão mais outros (FLORES & TEIXEIRA, 2013). Cabe destacar que o discurso de um indivíduo, por mais que seja dito ou escrito da mesma maneira por outro, nunca será o mesmo, graças às condições de produção, que são diferentes de sujeito para sujeito (ADAM, 2011). Chama-se atenção ainda ao fato de que o texto é parte constitutiva do discurso (ADAM, 2011), visto que este se materializa naquele, ou seja, o discurso aparece no texto e através dele (POSSENTI, 2009). Daí, somando esta ideia ao que foi exposto nos tópicos anteriores, pode-se dizer que as possibilidades discursivas podem ser visualizadas já no nível fundamental de um texto.

É certo que um texto só ganha complexidade nos seus níveis narrativo (nos estímulos à sua produção) e discursivo (no contato com o contexto sócio-histórico-ideológico), porém é interessante visualizar que a criação de novos discursos aparece desde o nível fundamental. Daí, depreende-se que estruturas fundamentais são, como o nome já diz, o fundamento dos textos, mas, também, são a base criadora de novos discursos. Ou seja: o nível fundamental do texto é o berço das possibilidades discursivas, por mais que, aparentemente, neste nível, não haja discurso (porém, certamente há a polifonia). Isto ocorre, como demonstrado na relação antonímia-nível fundamental, pela possibilidade de existirem diversas orientações narrativas originadas pelo “texto base” (que se chamou de possibilidades textuais), as quais já guardam em si novos discursos, possibilidades discursivas, visto que estas estruturas fundamentais se

tornarão textos. Tais possibilidades discursivas, por também possuírem a capacidade de criar mais discursos, são possibilidades criativas. A capacidade criadora das possibilidades provém do fato de que elas também dialogam com outros discursos, especialmente aqueles que atuaram na formação de seu “discurso base”.

Tomando como exemplo novamente o texto de José Paulo Paes, já foi dito que ele mostra os atos humanos como “ruim”. Este discurso possibilita a existência do discurso contraditório (“bom”) e dos gradativos (“meio bom”, “meio ruim”). Estes novos discursos possibilitam a existência de muitos outros, através das gradações (o que faz pensar em termos como “meio meio bom” ou “meio meio ruim”), que alavancam novos contraditórios, ou ainda de combinações variadas entre os termos (as quais possibilitam mais gradações e contraditórios): meio bom > não-meio bom > bom; ruim > não-ruim > meio bom; entre outras combinações possíveis. Lembrando que, em todos estes casos, o quadrado semiótico permaneceria intacto, visto que são as noções de “bom” e “ruim” que geram todas as outras.

Contudo, cabe destacar ainda que a mesma estrutura fundamental (exemplo: bom > meio bom > meio ruim > ruim) pode gerar textos diferentes, com ideias parecidas, mas que constituem discursos diferentes. Assim, é importante ainda afirmar que, apesar da antonímia ser responsável por demonstrar as possibilidades discursivas no nível fundamental, é válido destacar o papel da sinonímia (visualizada nas estruturas fundamentais iguais), o qual é mais facilmente perceptível, em termos de possibilidades discursivas, nos níveis narrativo e discursivo do texto.

Numa análise semiótica, é muito provável que essas variedades de estrutura fundamental não fossem levadas em conta, até porque não acrescentariam nada ao trabalho. O semioticista apenas verificaria as estruturas fundamentais básicas (no caso do texto de Paes: “bom” e “ruim”, com seus contraditórios e complementares), para depois, nos níveis narrativo e discursivo, verificar as várias possibilidades criativas discursivas advindas do “discurso base” (o discurso gerador das possibilidades, existente no “texto base”).

O objetivo aqui proposto, portanto, é apenas evidenciar que as possibilidades criativas discursivas aparecem desde o nível fundamental de um texto, do que se conclui que o discurso não surge diretamente como discurso: ele é, inicialmente, apenas uma possibilidade com capacidade de criação, capacidade esta advinda do dialogismo. Deve ser destacado, porém, outro fato: a possibilidade criativa discursiva poderá, em algum momento, materializar-se em texto. Assim, todo discurso, por mais que tenha antes sido uma possibilidade criativa gerada

por outro discurso, é também um “discurso base”, do qual serão advindas outras possibilidades criativas e assim por diante.

Entretanto, a ideia de “discurso base” não implica na falha noção de “discurso original” (um discurso sem procedências que deu origem a todos os outros)? De maneira nenhuma. Não se está afirmando que os discursos são originais em si mesmos, mas que surgem a partir de outros e possuem capacidade criadora dentro de certos limites, que se estendem além do que é possível imaginar. Pode-se, portanto, observar o seguinte: se for aplicada a noção de possibilidades criativas discursivas a todos os discursos existentes, ver-se-á que todo e qualquer discurso possível já existe, ao menos como possibilidade criativa. Ou seja, não há “discurso original”, há apenas “discursos bases” concretos (em textos) e possibilidades criativas discursivas.

## **5 CONCLUSÃO**

Unindo a estrutura fundamental dos textos ao conceito semântico de antonímia, pôde-se verificar que, em termos funcionais, o nível fundamental semiótico, por mais que seja uma ocorrência do fenômeno semântico, não possui tanta abrangência. Aplicando o conceito de antonímia às estruturas binárias fundamentais, verificou-se que o nível fundamental passa a englobar não mais apenas as estruturas fundamentais de um texto qualquer, mas também as possibilidades de novos textos advindos do primeiro. A tais possibilidades, por terem elas, também, capacidade criativa, designou-se possibilidades criativas textuais.

Contudo, como tais possibilidades apareceriam no texto? De forma implícita? Diante desta resposta, que parece insuficiente, decidiu-se expandir a noção de possibilidades criativas, deixando elas de designar apenas possibilidades de novos textos, mas passando a designar possibilidades discursivas. Daí o nome: possibilidades criativas discursivas. A mudança de foco foi possível graças ao fato de o texto ser parte constitutiva do discurso (ADAM, 2011), portanto, se as estruturas fundamentais de um texto qualquer geram possibilidades de novos textos, sabe-se que estes novos textos terão discursos diferentes do primeiro, logo, é possível depreender que as possibilidades geradas na criação de um texto, desde sua estrutura, são de ordem não apenas textual, mas discursiva.

A partir dessa constatação, foi possível perceber que as possibilidades criativas discursivas não agiam como um implícito no texto, mas que faziam parte do silêncio, o local do “múltiplo” do discurso, onde ocorre o dialogismo (ORLANDI, 2007). Assim, ao silêncio

acrescentou-se as possibilidades criativas discursivas, justificando sua existência e explanando seu funcionamento. Por consequência, também demonstrou-se, de uma maneira claramente estrutural, como surgem os discursos, visto que todo discurso já foi uma possibilidade criativa.

Portanto, os discursos passam a existir, inicialmente, como possibilidades criativas na estrutura fundamental de um “texto base”, o qual faz parte de um “discurso base”. Deste discurso original, desde o fundamento do texto que o constitui, são formadas diversas possibilidades discursivas que, por terem capacidade criativa, fazem, também, a geração de novos discursos. É certo que as possibilidades não são discursos plenamente formados, são apenas possibilidades que se concretizarão ao constituírem seus devidos textos (originados das possibilidades textuais oriundas da estrutura fundamental do “texto base”, sem que haja uma relação biunívoca entre discurso e texto).

Por fim, neste trabalho, o que se denotou foi como ocorre, no fundamento dos textos, a criação de possíveis discursos a partir de outro (o “discurso base”, apresentado pelo texto) e, conseqüentemente, justificou-se a existência de tais possibilidades. Logo, concluiu-se como surgem os discursos: na forma de possibilidades. Além disto, concluiu-se também que todo discurso possível já existe, seja concretamente, num texto, seja como possibilidade criativa. Como afirma Orlandi, “sempre se diz a partir do silêncio” (ORLANDI, 2007, p. 23), ou seja, é no silêncio que estão as possibilidades criativas discursivas, aguardando o momento de se materializarem em textos.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, J. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2011.
- BARROS, D. L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- BORGES, E. “CHRONOS” — a Semiótica que não pára no tempo. In: TEIXEIRA, L. (org.). *Estudos intersemióticos*. Belém: UNAMA, 2008. p. 23-37.
- CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2013.
- ESOPO. *Fábulas*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.
- FLORES, V. N. & TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2013.
- GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

- GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. São Carlos: Ed. Claraluz, 2ª ed., 2006.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2012.
- OLIVEIRA, L. A. (org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola, 2013.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- PAES, J. P. *Anatomias*. São Paulo: Cultrix, 1967.
- POSSENTI, S. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. São Paulo: Parábola, 2009.
- PALMER, F. R. *A semântica*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- PAZ, O. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.